

DONANA A VIÚVA DO VESTIDO ENCARNADO

Barros Pinho

Desejo, preliminarmente, registrar meu contentamento e dizer o quanto me sinto honrado por haver sido escolhido para falar neste ciclo de conferências distinguindo “A Mulher na Literatura: Criadora e Criatura,” sob os auspícios luminosos da Academia Cearense de Letras. É conveniente ressaltar que esta iniciativa não surpreende aos que militam nas lides da cultura, mormente, professores e estudantes que, ao emprestar o brilho de suas inteligências jovens, participam deste Seminário, onde o saber da Casa de Thomaz Pompeu une-se ao talento fecundo da “Terra da Luz”.

A Academia Cearense de Letras, através do tempo, segmenta a vocação regional da lógica da universalidade dialética para alcançar, primorosamente, o prestígio que se alça no mais diversificado patamar das letras e da cultura brasileira.

A dinâmica cultural do País tem reflexo profundo na atividade acadêmica do Ceará que, ao se inserir no mundo globalizado, não se afasta das raízes históricas e sociais apontadas pelas estruturas nordestinas que se modificam na esteira do tempo. Mas o tempo, ora retratado, é o tempo das relações sociais dominadoras e estigmatizantes da mulher-criatura, ferozmente, sufocada na conservadora sociedade rural.

Diante desse quadro de aspecto primitivo, alento-me do compromisso que deita raiz no humanismo telúrico da nordestinidade para retirar da memória essa história de “Amor e morte” (1), da “Viúva do Vestido Encarnado”, a configurar como símbolo e desafio dessa criatura-personagem, na luta emocionante de afirmação essencial da liberdade da mulher. Liberdade, em qualquer época, sempre postergada que Donana criatura e personagem entende como destinação maior do ser humano.

Nessa perspectiva, traço no rastro dos fios da memória a narrativa ficcional da singularíssima Donana, uma personagem retirada do real para o simbólico transfigurador da linguagem literária. “Na tecelagem da construção narrativa, surgem os argumentos, símbolos que buscam

a legitimidade” (2). Legitimidade construída na tessitura de comportamento diferenciado de outras mulheres que com ela padeciam sob o jugo do poder ilimitado dos senhores de engenho, proprietários de terras a ostentar autoridade sobre as coisas e as pessoas, numa relação de escravidão e subordinação dominantes.

A mulher Donana, desde muito cedo, ainda no apogeu de sua adolescência, já assimilara a marca registrada da família, afetada por “capricho” na direção da palavra assumida e de hábitos comportamentais inflexíveis e permanentes. Nunca transigiu diante de imposição de quem quer que fosse, segundo o que me foi passado meio século depois, em noites de longas conversas, no seio da própria família. Ela fazia prevalecer sua personalidade forte e sua coragem de desafiar ordens ditadas, aliadas a uma enorme simpatia fascinante disposta à prática de uma conduta desafiadora dos padrões estabelecidos pela hierarquia social hegemônica do homem. Donana nunca fugiu dos perigos que enfrentavam os homens de sua família, tradicionalmente, timbrados e reconhecidos pela rigidez do caráter. Ela se fez um deles sem jamais perder a beleza cativante, às vezes, até paradoxal de sua abundante feminilidade. Era mulher e fêmea completa, a se exercitar entre a ternura e o “capricho”, a um só tempo, com a leveza e desenvoltura intrinsecamente espontâneas, desde que ninguém se atrevesse a ameaçar o sentido de liberdade que convencionara como medida de honra para seu viver. Soube viver até no sofrimento, a plenitude da dignidade. Do sofrimento não se afastava pela sombra da covardia, mesmo experimentando a dor mais profunda sempre entendia a dimensão de sua indivisibilidade. Assim, caracterizei seus traços físicos e morais, no conto principal do livro *A Viúva do Vestido Encarnado*. Donana de rosto tão limpo como o manto de Nossa Senhora, na *apreparação* para a novena de Maria. Os olhos esverdeados tracejavam na pele de um moreno de tamarindo – belo contraste da espécie humana. O riso largo que acompanhava a simpatia das extremidades da boca; os cabelos soltos dispostos ao vento, pretos num pretume de asa de anum, caminhavam meio desalinhados pela volta de seu corpo, até atingir a cintura. O maior destaque de seus atributos pessoais vem da vertente rural de seu temperamento forte – aroeira que não enverga na tempestade e doce mel de rapadura, ao mesmo tempo, tudo no ponto, ponto bem cerzido ao gosto da herança secular arrastada pela correnteza do rio Paraíba e na esteira do rezamento dessorrentário do vovô Vitório da Buritirana (3).

Este texto integra o livro *A Viúva do Vestido Encarnado*, objeto de acolhimento da criatura-personagem Donana, em cujo juízo crítico valorativo, um dos mais notáveis ficcionistas brasileiros da atualidade, José Alcides Pinto sentencia: “Barros Pinho fotografa o mundo rural, regional de seus rincões, que conserva inteiro em sua memória com autenticidade. A força da Natureza, as características mesológicas e sociológicas juntam-se e somam-se à atmosfera nova e criativa desse autor criador de símbolos e mitos, e mais que isso, um vidente, um visionário, aventureiro do sonho e do mistério da narrativa ficcional (4).

Na verdade, convencido estou de que a mulher Donana localizada na verde paisagem dos canaviais que correm o rio Parnaíba afora, até atingir em cheio, o conservadorismo social urbano de uma sociedade que florescia (Teresina), dando os seus primeiros passos citadinos, marcados por hábitos profundamente vinculados ao universo rural, era mais que uma visionária voluntariosa. Atirava-se na vida, muito além do seu tempo, pois, já vislumbrava a questão central da autonomia e da liberdade feminina.

O tempo confirmou esta predestinação libertária, por mim, agora configurada na linguagem da literatura de ficção, visivelmente, trabalhada sob a orientação do neoregionalismo redimensionado na palavra e da universalidade dos mais legítimos sentimentos, aos quais, com autenticidade, procurei traduzir no livro *A Viúva do Vestido Encarnado*. Este livro despretenso é testemunho-memória-realidade - e denúncia, que se embricam como elemento definitivo de institucionalização social. O que me assegura esta convicção repousa, em parte, no pensamento da historiadora Raimunda Ivoney Rodrigues de Oliveira “A idealização da vida rural e do homem sertanejo, propugnada com base no pensamento romântico, esbarra na fria explicação científica de que o meio e a raça são determinantes na vida dos povos” (5).

Ao finalizar, o aligeiramento dessas reflexões ora apresentadas em torno da extraordinária criatura e personagem Donana, com quem percorri o caminho da proposta de afirmação da nova literatura regional, peço permissão para me escudar no percuciente trabalho do talentoso Doutor Teoberto Landim, acerca de “A Presença da Região no Romance Nordestino”, quando afirma categoricamente: “Que cabe às regiões nordestinas, através de uma vigilância discursiva reavivarem a essência do

regional, através da criação de contra-discursos capazes de desenvolver a realidade que se apresenta de várias formas entre elas a ficcional “(6).

Portanto, nada me conforta mais do que estar, também, na companhia do poeta maior - Francisco Carvalho, quando consagra “A Viúva do Vestido Encarnado é um símbolo do espírito indomável que preside o destino cíclico do povo do Nordeste”.

AUTORES CITADOS:

MOURÃO, Mello Gerardo. Uns contos de amor e morte
Prefácio do livro A Viúva do Vestido Encarnado.

RODRIGUES DE OLIVEIRA, Raimunda Ivoney. Gustavo Barroso:
a tragédia sertaneja. Coleção Nossa Cultura / Série Pensamento.

PINHO, Barros. A Viúva do Vestido Encarnado. Contos. Editora
Record. Rio de Janeiro / São Paulo. 2002.

PINTO, José Alcides. Orelha do livro A Viúva do Vestido Encarnado.
Rodrigues de Oliveira, Raimunda Ivoney. Gustavo Barroso: a tragédia
sertaneja.

LANDIM, Teoberto. A Presença da Região no Romance Nordestino.
A Produção Literária do Ceará. Academia Cearense de Letras. 2001